

EDITORIAL

Lombalgia: o desafio da prevenção ao cuidado

A lombalgia, ou dor lombar, está entre as causas mais frequentes de queixas sintomatológicas. Estima-se que pelo menos 25% da população apresente um episódio de dor lombar, por pelo menos um dia, nos últimos três meses.¹ No Brasil, acredita-se que estes números sejam subestimados pela falta de estudos representativos sobre a prevalência de dor lombar e pela subnotificação da sua ocorrência.²

A dor lombar desperta enorme interesse tanto no ambiente clínico quanto acadêmico. Trata-se de um sintoma que pode refletir as mais diversas causas, apresentando-se de maneira aguda com características limitantes e de curta duração, e de forma crônica afetando o desempenho e funcionalidade.³

Prevenir, avaliar, classificar e tratar são desafios constantes para os profissionais que atendem pacientes com queixas de lombalgia. As mais variadas causas e a maneira diferenciada com que a sintomatologia se manifesta exigem experiência e aprofundado conhecimento do assunto.

Frequentemente, são propostas diretrizes para acompanhamento da lombalgia e estas se constituem como instrumentos eficazes para auxiliar os profissionais que lidam com estes pacientes. A mais recente diretriz, publicada em fevereiro de 2017 pelo Comitê do American College of Physicians, sugere recomendações para tratamento da lombalgia baseadas na característica do sintoma: agudo e crônico. A principal recomendação é a de que a terapêutica de escolha seja preferencialmente não-medicamentosa como a utilização de calor superficial, massoterapia, acupuntura, mobilizações vertebrais, exercícios para controle motor entre outras. A terapia medicamentosa passa a ser indicada em casos

Tânia Cristina Dias da Silva Hamu¹

¹Fisioterapeuta, Professora Doutora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Musculoesquelética (LAPEME-UEG), Editora da Revista Movimenta.

E-mail: tania.ft@gmail.com.

extremamente agudos, ou quando a terapia não-medicamentosa não apresentar boa resposta em situações de cronicidade.¹

Neste sentido, a Fisioterapia tem avançado na busca de discussões e fundamentação científica da prática clínica, sobretudo com evidências científicas. Como exemplo, em maio de 2016 ocorreu em Fortaleza o II CONIFIC - Congresso Internacional de Fisioterapia em Coluna Vertebral- evento caracterizado como um marco para Fisioterapeutas que atuam neste vasto campo. Ao longo de três dias, palestrantes nacionais e Internacionais discutiram e apresentaram suas pesquisas relacionadas ao avanço do tratamento fisioterapêutico para pacientes que sofrem continuamente com dores e apresentam disfunção da coluna vertebral. A terceira edição de evento já está programada para maio de 2017.

Pesquisas voltadas para técnicas de estabilização e controle motor de tronco, bem como estudos demonstrando a importância da prevenção da dor lombar são necessários para fortalecer ainda mais o arsenal fisioterapêutico.

Neste contexto, o papel dos periódicos científicos é fundamental para respaldar o atendimento profissional que atua com objetivo de minimizar este sintoma que aflige grande parte da população.

Na atual edição da revista *Movimenta*, a temática da lombalgia é tratada sob diversos aspectos e abordagens de tratamento. Convidamos os pesquisadores e profissionais de saúde para aproveitarem a leitura.

REFERÊNCIAS

1. QASEEM A.; WILT, T. J.; MCLEAN, R. M.; FORCIEA, M. A. Noninvasive Treatments for Acute, Subacute, and Chronic Low Back Pain: A Clinical Practice Guideline From the American College of Physicians. Guidelines Committee of the American College of Physicians. *Annals of Internal Medicine*, February 2017.
2. NASCIMENTO, P. R. C; COSTA, L. O. P. Prevalência da dor lombar no Brasil: uma revisão sistemática. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 31(6):1141-1155, jun, 2015
3. EHRLICH, G. E. Low back pain. *Bulletin of the World Health Organization* 81 (9), 2003.